

Arte corpo e terra: arquétipos femininos, natureza e performance

Laís Barreto da Silva¹

 0000-0003-3671-7292

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.4963

Resumo

Ana Mendieta é uma artista cubana exilada, capaz de elaborar fraturas históricas ao abordar as dimensões culturais e políticas de universos distintos tal como Estados Unidos e Cuba em suas performances. São narrativas que atravessam a corporalidade feminina e a natureza através da temática corpo/terra em diálogo a retomada de figurações femininas ancestrais afro-cubanas. Desse modo, a artista almeja explorar tal fluxo orgânico ao redimensionar seus rastros em diferentes paisagens através do uso de elementos naturais. Sendo assim, tal reflexão busca perceber a arte enquanto instrumento de memória para pensar novos modos de existência no questionamento do discurso canônico da história da arte. Para isso, a pesquisa terá como fonte as documentações fotográficas das performances de Mendieta realizadas na série Siluetas (1973-1980), contida nos catálogos de exposição e textos críticos. Tal análise dos documentos pretende ser realizada a partir do suporte teórico metodológico arqueo-genealógico de Michel Foucault em diálogo com a crítica cultural feminista.

Palavras-chave: Arte feminista. Ana Mendieta. Cuba. Ancestralidade. Arte corpo e terra.

¹ Mestranda em História cultural pela Universidade Estadual de Campinas; bolsista CAPES, e-mail: llaisbarreto@gmail.com.

Introdução

A arte feminista na década de 1970 foi marcada pela presença de mulheres artistas que se propuseram a elaborar poéticas que tematizam sobre questões de gênero e sexualidade através do uso de seu próprio corpo. Uma das principais artistas que compõem esse cenário, no território norte americano, é a Ana Mendieta, uma artista cubana exilada que aborda as dimensões culturais e políticas de universos distintos em suas performances. São narrativas que atravessam a corporalidade feminina, ancestralidade e a natureza através da temática corpo e terra relacionada às figurações femininas ancestrais afro-cubanas. Assim como, a artista almeja explorar tal fluxo orgânico ao redimensionar através de rastros de silhuetas na paisagem natural com o uso de materiais orgânicos, tais como: a terra, a pólvora e o fogo. Sua biografia é marcada por uma infância de exílio e por diferenças culturais em dois universos paralelos, Estados Unidos e Cuba, no qual influencia a criação de suas séries em específico sua série intitulada *Siluetas* (1973-1980) em que busca elaborar narrativas poéticas autobiográficas múltiplas.

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão e análise entre as modelagens, escavações e rastros de figurações femininas performadas pela artista Ana Mendieta no que tange a referência ao imaginário ancestral mítico cubano. Assim como, apreender os elementos simbólicos que compõem suas performances que remetem a espiritualidade ancestral e reverberam como novas condições de deslocamento e territorialização. Para isso, a pesquisa terá como fonte histórica as documentações das performances de Ana Mendieta realizadas em sua série *Siluetas* (1973-1980) em específico as obras *Alma silueta en fuego* (1975), *Flower Person, flower body* (1975), *Untitled* (1980) contida nos catálogos de exposição e textos críticos. Tal análise dos documentos pretende ser realizada a partir do suporte teórico metodológico arqueo-genealógico de Michel Foucault em diálogo com a crítica cultural feminista.

Arte corpo e terra e a espiritualidade afro-cubana

A artista Ana Mendieta nasceu em Havana em 1948 e faleceu em Nova York em 1985. Sua biografia é marcada pela experiência de exílio que viveu durante sua infância que confluem diretamente com sua narrativa poética, no que diz respeito à afetos, memórias e simbolismos. Foi uma artista engajada politicamente que tematiza sobre temas que englobam gênero, violência contra mulher, corpo e sexualidade. Dentre as suas obras mais famosas encontra-se a série intitulada *Siluetas* (1975-1980). Tal trabalho é formado por cerca de 200 fotografias e pequenos vídeos no qual a artista elabora em diferentes paisagens naturais rastros de silhuetas. Tais rastros estão marcados na terra, na água e em

pedras em conjunto com o uso de elementos como flores, fogo, pólvora e sangue. Para embasar a reflexão deste texto destaco a obra *Alma silueta del fuego* (1975) [Figura 1]. É possível perceber nesta fotografia um cenário composto por pedras de diversos tamanhos, no qual no centro é possível identificar uma silhueta em branco marcada pela presença de uma chama na região da cintura. É importante destacar que tais elementos dizem respeito aos aspectos autobiográficos da artista e a espiritualidade ancestral da religião afro-cubana chamada Santería. Nesse sentido, a artista elabora poeticamente sua experiência de vida que circulam diversos símbolos culturais em dimensões metafísicas carregados de sentido e significados.



Figura 1:

Ana Mendieta, **Alma silueta del fuego**, 1975. Video performance, Super 8 film, colour, silente, 3:30 min. Museo de arte latino-americano de Buenos Aires (MALBA). Disponível em <https://www.malba.org.ar/ana-mendieta-alma-silueta-en-fuego-1975/?v=diario> Acesso em 2 fev 2023.

É possível identificar que as esculturas *corpo e terra*² de Mendieta são caracterizadas pelo uso de diversos elementos naturais, tais como: a terra, o fogo, a água, as pedras e o sangue. Tais elementos revelam o possível envolvimento da artista com estudos da diáspora africana e a religião afro-cubana da

² BLOCKER, Jane. **Where is Ana Mendieta?** identity, performativity, and exile. Duhan: Duke University Press Books, 1999.

Santería no qual a historiadora de arte Genevieve Hyacinthe³ destaca. Ela nos oferece um viés analítico da arte de Mendieta sobre a cultura cubana a partir das tradições do Atlântico negro. Isto é, demonstra como a potencialidade artística da artista recria ritualizações de divindades afro-cubanas, nos diversos rastros deixados na paisagem ao longo da série *Siluetas* (1973-1980). Dessa maneira, suas obras refletem sobre sua performatividade diaspórica e ritualizações ancestrais. Nesse sentido, é possível afirmar que suas performances se destacam como discursos estéticos políticos organizados de modo semelhante aos discursos contra-hegemônicos.

É preciso pensar que Mendieta vivia nos Estados Unidos e expõe expressões poéticas da espiritualidade afro-cubana. Nesse sentido, nota-se a presença da Santería em suas obras. É uma religião afro-cubana de ascendência iorubá, no qual sua cosmologia é caracterizada por um complexo sistema de crenças e mitologias, guiadas pelo culto às divindades ancestrais. Segundo a historiadora de arte Menéndez⁴ a diversidade e a complexidade da religião, no qual os aspectos da ancestralidade condicionam todas as forças visíveis da natureza e das ações humanas. Podemos perceber tais simbolismos em sua obra *Flowers person, flower body* (1975) [Figura 2], por meio do uso das flores colocadas em formato de uma silhueta por cima de um tecido roxo vibrante. Além disso, percebe-se que as flores estão ancoradas em galhos em um lugar que se assemelha a um rio. As águas, as flores e os galhos então demarcam os elementos da espiritualidade afro-cubana e destacam como Mendieta “se convertiam em metáforas poéticas de valor espiritual”⁵. Segundo a artista:

Eu tenho criado um diálogo entre a paisagem e o corpo feminino. Acredito que tenha sido resultado direto de ter sido arruinada da minha pátria (Cuba) durante minha adolescência. Sou sobrecarregada do sentimento de ser expulsa desde o ventre (da natureza) para a luta. Minha arte é a maneira que eu restabeleço os laços que me unem ao universo. É o retorno à fonte materna. Através das esculturas do corpo, eu me torno um com a Terra. Eu me torno extensão da natureza e a natureza se torna uma extensão do meu corpo.⁶

³ HYACINTHE, Genevieve. **Radical Virtuosity: Ana Mendieta and the Black Atlantic**. MIT Press, 2019.

⁴ MENÉNDEZ, Lázara. Kinkamáché para gbogbo orica. Eu fodi owó, folé ayé, folé aché. In ALONSO, Aurelio (Org.). **América Latina y el Caribe. Territorios religiosos y desafíos para el diálogo**. Buenos Aires: CLACSO-Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2008, p. 229-258.

⁵ BIDASECA, Karina. ¿Dónde está Ana Mendieta?: Estéticas afro-descoloniales feministas y poéticas caribeñas y anitillanas. In: **Más Allá Del Decenio de Los Pueblos Afrodescendientes**, edited by ROSA CAMPOALEGRE SEPTIEN e KARINA BIDASECA, CLACSO, 2017, p. 117–34. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/j.ctv253f4nn.11>. Acesso em 29 Jul 2022, p.

⁶ TATE MODERN. **Discover the late artist's powerful film and video works in this screening and discussion**. 2018. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/ana-mendieta-pain-cuba-body-i-a-m>. Acesso em 13 fev 2023.

Figura 2:
 Ana Mendieta, **Flower Person, flower body**, 1975. Fotografia, 40,64 x 50,8 cm.
 Disponível em
<https://www.artsy.net/artwork/ana-mendieta-flower-person-flower-body>
 Acesso em 7 fev 2023.



Figura 3:
 Ana Mendieta, **Untitled**, 1980. Fotografia,
 100,5 x 135,5, Centro Andaluz de Arte
 contemporânea.
 Disponível em
<http://www.caac.es/coleccion/artistas/men.htm>
 Acesso em 7 fev 2023.



Sendo assim, segundo Olga Viso⁷ as tradições e mitologia do universo ameríndio, associados aos espectros dos ritos afro-cubanos, recriando-os em um novo contexto da arte contemporânea. É possível perceber tais novos percursos no atributo das ancestrais femininas cubanas como em *Black Venus* (1980) [Figura 3]. Tal obra foi um projeto da artista para a revista de arte feminista chamada *Heresis*⁸, no qual foi fotografado em preto e branco uma silhueta na terra. Tal contorno que se assemelha aos seus rastros em outras obras e está preenchido com pólvora. Assim, nos provoca a perceber as dimensões de dentro/fora e corpo/ausência e vazio. Em conjunto com a publicação da fotografia da performance se encontra um

⁷ VISO, Olga. **Ana Mendieta**: earth body. Berlin: Hatje Cantz Publishers, 2004.

⁸ Disponível em *Heresies Magazine Issue #5: The Great Goddess (Volume 2, Number 1)* : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive Acesso em 13 fev 2023.

texto feito por Mendieta. A artista retoma a lenda urbana cubana do século XIX chamada de a Vênus Negra. Tal lenda conta a história de uma jovem mulher negra que resistiu ao domínio dos colonizadores espanhóis por volta de 1817. Ela se tornou símbolo contra a escravidão e afirmação da liberdade ao negar ser colonizada. Assim, Ana Mendieta através da ação performática de atributo a suas ancestrais cubanas questiona as construções narrativas em termos políticos do século XX. Isto é, podemos afirmar que utilizar a lenda urbana enquanto referência poética reverbera como forma de resistência perante a construção narrativa hegemônica de nação cubana.

É possível perceber a ação artística como espaço de experimentação e imaginação, capaz de criar diversas possibilidades de ser e estar no mundo. Por isso, segundo Foucault⁹, podem ser considerados como espaços potentes de subjetivação que tecem práticas de resistência em relação aos discursos de verdade de poder. Em função disso, podemos afirmar que a arte feminista ao longo de sua história tem sido decisiva na inserção de novas linguagens e sentidos que desafiam o discurso hegemônico patriarcal e nossa memória histórica ocidental. Segundo Tvardovskas,¹⁰ as artistas reúnem aspectos biográficos, atrelados as dimensões históricas que as circundam. Ou seja, suas obras são maneiras de expor construções narrativas de experiências pessoais no cenário social:

a cultura visual pode ser compreendida como produto e produtora de discursos materializados e corporificados marcada por relações de poder (...) que fazem circular paradigmas e conotações próprios a seu momento histórico de produção¹¹

Figurações femininas ancestrais na performance contemporânea

É importante destacarmos que a elaboração poética de Mendieta aflui ao movimento artístico chamado *earth body art*, no qual a artista provoca uma simbiose entre o seu corpo e a natureza. Desse modo, realiza diversas performances registradas em fotografias e filmes realizados entre o México, Cuba e os Estados Unidos durante a década de 1970 e 1980. Todavia, sua arte corpo e terra, passa a se configurar pela ausência da presença de seu próprio corpo, no qual a artista passa a deixar apenas rastros na paisagem. Tal deslocamento poético e subjetivo da ausência da materialidade do corpo, não anula a potencialidade de perceber a presença da artista na obra. Afinal, o rastro permite perceber que algo passou e esteve por ali. Por isso, tal relação entre a paisagem e seus rastros remetem a sua história de

⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

¹⁰ TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. O imaginário habitado: gênero, história e cultura visual. In: Lis Schiavinatto, Iara; D. Meneses, Patrícia. *A imagem como experimento: debates contemporâneos sobre o olhar*. Edição do Kindle. 2020.

¹¹ *Ibidem*, p. 114.

vida marcada pelo exílio, transformação e constante movimento: “Fazer minha silhueta na natureza faz a transição entre minha pátria e minha nova nação. É um modo de reivindicar minhas raízes e tornar-me uma com a natureza”¹²

Tal experiência permite a elaboração subjetiva que incorpora os elementos simbólicos de Cuba. Embora Mendieta tenha sofrido críticas sobre o seu trabalho por parte da crítica feminista, no qual considerava seu trabalho de relação entre o feminino e a natureza a partir da perspectiva essencialista, todavia a análise aqui não parte desse pressuposto. É importante destacar as dissonâncias produzidas pela artista em seu contexto. São narrativas poéticas que dialogam com os arquétipos femininos no resgate da figura de deusas ancestrais. Tal sensibilidade artística também visa estabelecer uma ligação de seus rastros, paralelo a uma retomada cultural e simbólica de povos originários latino-americanos, em específicos cubanos. Desse modo, a artista almeja explorar tal fluxo orgânico ao redimensionar os aspectos da corporalidade feminina em diferentes rastros na paisagem. Nesse sentido, longe de tal associação da dinâmica corpo e terra, a reflexão parte do pressuposto que as práticas artísticas de Mendieta podem ser ferramentas de questionamento ao considerarmos a prática artística como instrumento de ação.

A historiadora Lucy Lippard¹³ destaca tal movimento de mulheres artistas atreladas aos impulsos arqueológicos de representação de culturas pré-históricas a partir da insatisfação de diversas artistas perante as dicotomias modernas baseadas nos pressupostos patriarcais de um dito sujeito universal. Afirma que, “com a ascensão do novo feminismo no final da década de 1960, o anseio das mulheres por uma história e uma mitologia nossa encontrou uma saída em uma visão revisionista dos matriarcados pré-históricos”¹⁴. Desse modo, diversas artistas, tais como: Ana Mendieta, Carolee Schneemann, Louise Bourgeois, Michele Oka Doner e Jeane Fabb, retomam a figurações pré-históricas performando aspectos da ancestralidade e recriam paisagens na arte contemporânea:

A terra era e muitas vezes ainda é vista como um corpo de mulher. Por um lado, isso forneceu uma história física da força feminina que permanece vestigial mesmo nas sociedades urbanas. É também a fonte de muito debate entre feministas “culturais”, “radicais” e “socialistas” sobre questões de estereótipos femininos submissos e destino biológico, que negam toda identificação entre a mulher e a natureza porque ela encoraja estereótipos destrutivos. Enquanto a relação física com imagens e ciclos na natureza significa muito para muitas mulheres artistas, muitas outras ainda ficam

¹² MEREWETHER, Charles. From Inscription to Dissolution: An Essay on Expenditure in the Work of Ana Mendieta. In: **Ana Mendieta**. MOURE, Gloria (Ed.). Número da edição. Local de Centra Galego de Arte Contemporanea, Barcelona: Ediciones Poligrafa, 1996, p.108.

¹³ LIPPARD, Lucy. *Overlay: Contemporary art and the art of prehistory*. New York: New Press, 1983.

¹⁴ *Ibidem*, p. 41.

ansiosas e até mesmo com raiva quando qualquer ligação é sugerida entre a arte feminina e as antigas tradições matriarcais. Ainda assim, o feminismo é sobre mudar o impacto negativo de tais noções, sobre controlar nossas próprias vidas, produtos e imagens públicas dentro de um quadro de responsabilidade social para todas as pessoas.¹⁵

Portanto, o imaginário das artistas, tal como Ana Mendieta, ao retomar as figurações matrilineares, suas simbologias e mitos fortalecem a crítica diante a reavaliação das estruturas estéticas e socioculturais. Desse modo, as figurações femininas ancestrais, transmutadas em seu corpo e seus rastros como em *Siluetas*, revelam nuances do substrato etnocêntrico e patriarcal de nosso tempo presente atravessado pelas fraturas históricas das dimensões coloniais. Segundo Cabañas,¹⁶ devido a experiência pessoal da artista como mulher latina exilada sua arte ressoa no corpo coletivo, por meio de relações de marginalização de mulheres e outras etnias. Tais rastros de Mendieta são atos de transgressão, pois criam espaços alternativos diante das fronteiras culturais entre Cuba e os Estados Unidos. Por isso, é possível pensar, dentre as possibilidades das interpretações artísticas, que a artista ocupa um lugar fronteiro. Isto é, suas performances ocupam um “lugar entre” em constante deslocamento. Assim como, afirma a historiadora da arte Rosenthal:

a fonte central do poder da arte de Ana Mendieta está na sua ocupação dos entre espaços. Seu trabalho, biografia, posição política, e sua visão de mundo foi definida pela maneira como ela se esforçou para "explorar espaços novos"¹⁷

Nesse sentido, podemos destacar que a arte feminista desdobrou diversas críticas as narrativas predominantemente patriarcais e universalizantes presentes no cânone da história da arte. Nesse sentido, tal expressão poética se impõe no cenário cultural como vetor de produção de figurações e subjetividades no qual mulheres artistas traçam cartografias de profunda crítica cultural ao expor novas linguagens e posicionamentos ético-políticos relacionando o sujeito feminino, no que diz respeito ao ser, ao corpo e suas representações oriundas dos discursos de poder.

Considerações finais

Podemos concluir que tal reflexão procura articular a história da arte em conjunto com a crítica cultural feminista, para perceber as expressões poéticas enquanto elementos constitutivos de um

¹⁵ Ibidem, p. 42 e 44.

¹⁶ CABAÑAS, Kaira M. Pain of Cuba, Body I Am. *Woman's Art Journal*, v. 20, n. 1, p. 12-17, 1999.

¹⁷ ROSENTHAL, Stephanie. *Ana Mendieta: Traces*. Londres: Hayward Publishing, 2013, p. 18.

imaginário atravessado por diversas questões sociais, sejam elas no âmbito cultural e político. Desse modo, mobilizar problematizações do presente, ao projetar o olhar para o passado. Por isso, podemos afirmar que o trabalho artístico de Mendieta ainda é relevante diante do conteúdo mítico de suas performances como elaborações sobre o substrato histórico de civilizações pré-históricas. Seu fluxo orgânico, pode significar a crítica dos discursos de verdade consolidados na historiografia da arte. Além disso, ao aprofundar a compreensão sobre quais os discursos de verdade que compõem nossa realidade social.

Referências bibliográficas

BIDASECA, Karina. ¿Dónde está Ana Mendieta?: Estéticas afro-descoloniales feministas y poéticas caribeñas y anitillanas. In: **Más Allá Del Decenio de Los Pueblos Afrodescendientes**, edited by ROSA CAMPOALEGRE SEPTIEN e KARINA BIDASECA, CLACSO, 2017, p. 117-34. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/j.ctv253f4nn.11>. Acesso em 29 Jul 2022.

BLOCKER, Jane. **Where is Ana Mendieta?** identity, performativity, and exile. Duhan: Duke University Press Books, 1999.

CABAÑAS, Kaira M. Pain of Cuba, Body I Am. **Woman's Art Journal**, v. 20, n. 1, p. 12-17, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HYACINTHE, Genevieve. **Radical Virtuosity: Ana Mendieta and the Black Atlantic**. MIT Press, 2019.

LIPPARD, Lucy. **Overlay: Contemporary art and the art of prehistory**. New York: New Press, 1983.

MENÉNDEZ, Lázara. Kinkamaché para gbogbo orica. Eu fodi owó, folé ayé, folé aché. In ALONSO, Aurelio (Org.). **América Latina y el Caribe**. Territorios religiosos y desafíos para el diálogo. Buenos Aires: CLACSO-Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2008, p. 229-258.

ROSENTHAL, Stephanie. **Ana Mendieta: Traces**. Londres: Hayward Publishing, 2013.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. O imaginário habitado: gênero, história e cultura visual. In: Lis Schiavinatto, Iara; D. Meneses, Patrícia. **A imagem como experimento: debates contemporâneos sobre o olhar**. Edição do Kindle. 2020.

VISO, Olga. **Ana Mendieta: earth body**. Berlin: Hatje Cantz Publishers, 2004.